



DOSSIÊ



Paternidade e Masculinidades Negras Circunscritas

Exercícios de autorreflexão emancipatórios

Artur Oriel PEREIRA, *Universidade Estadual de Campinas*

Hasani Elioterio dos SANTOS, *Universidade Federal de São Carlos*

Alexandre da SILVA, *Universidade de São Paulo*

Este artigo apresenta reflexões sobre o gerenciamento da vida familiar às quais incluem as funções de zelo e educação das crianças, dos serviços domésticos e do equilíbrio do relacionamento afetivo, com vistas à compreensão de como homens negros pensam suas paternidades e masculinidades negras, bem como perceber de que forma isso emerge na cena contemporânea como realidades presentes em diferentes espaços sociais. Partimos de uma abordagem qualitativa, tendo como método de pesquisa a realização de entrevistas semiestruturada realizadas com pais negros e um exame de uma narrativa cinematográfica contemporânea – *Fences, Um Limite Entre Nós* (2017) – ambientado em Pittsburgh nos Estados Unidos dos anos 1960. Para isso, alternamos as interlocuções dos participantes, análises e discussões com os sentidos aparentes do filme. Tomamos como referencial teórico as pesquisas desenvolvidas por Connell (1995; 1998), Awkward (2001), Hall (2003), bell hooks (2004), Grossi (2004), Botton (2007), Fanon (2008), Miskolci (2012), Faustino (2014), Davis (2016) e Santos; Antunez (2018). A masculinidade negra enrijecida sob os pilares hegemônicos da modernidade ocidental e que com o colonialismo se expande tornando-se um modelo arriscado e traumatizante pela qual os homens negros estão circunscritos é um território carregado de conflitos, mas como um ato de resistência e reexistência alguns homens negros estão se reinventando com a conscientização de suas paternidades.

PALAVRAS-CHAVE: Paternidade. Masculinidades Negras. Racismo. Discriminação.



Ao dizermos que os pais estão “ajudando”, o que sugerimos é que cuidar dos filhos é um território materno, onde os pais se aventuram corajosamente a entrar. Não é.

Chimamanda Ngozi Adichie

Apesar dos avanços obtidos nas últimas décadas quanto às lutas emancipatórias, ainda é necessário fazer algumas reflexões sobre a diferença das pautas e níveis de opressão, em torno dos papéis sociais que mulheres e homens exercem na criação de suas filhas e filhos, algo que pode seguir por vertentes completamente diferenciadas, por vezes, antagônicas. Nesse contexto, visualizamos papéis sociais de mães e pais bem estabelecidos e legitimados pela sociedade, ora construídos a partir da ideologia do machismo, patriarcado, da posição social, pelo espaço geográfico onde reside ou pelo racismo (e suas diversas formas de manifestação).

Com base na perspectiva de luta das mulheres negras em relação às questões de raça, gênero e classe que se constitui no enfrentamento de todas as formas de discriminação, no combate as violências, na defesa dos princípios de igualdade e justiça econômica e social, também contra a opressão do patriarcado (CARNEIRO, 2003). É possível verificar que esse movimento de luta vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e enriquecendo a discussão na sociedade brasileira.

No bojo desse processo de resistências e reexistências, como ressaltou Gomes (2017), na mesa *Mulheres negras, resistências e interseccionalidades*, durante o 13º Congresso Mundo de Mulheres & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, nós não podemos mais reproduzir no campo das lutas emancipatórias os resquícios que o próprio racismo, patriarcado e capitalismo deixaram impregnados em nós, e que todas e todos temos que lutar contra:

Temos que nos apegar muito mais daquilo que nos aproxima. Naquilo que nos une, digamos assim, porque é assim que a gente se separa no contexto das lutas sociais. E o que nos une? O que nos aproxima? Eu diria que é o fato de nós sermos sujeitos sociais diversos que lutamos por igualdade, equidade, direitos, e entendemos que colonialismo, racismo, patriarcado, capitalismo, LGBTfobia, transfobia e tantas outras formas de opressão oprimem a todos nós. Tentam desumanizar a todos nós. Violentam a todas nós. Mas são fenômenos tão estruturantes e tão perversos que até mesmo a forma de nomeação



como elas incide sobre cada um de nós tem a ver com a raça, tem a ver com o gênero, tem a ver com a sexualidade, tem a ver com a classe, que nos coloca em posições diferentes dentro desse *hall* de desigualdades e discriminações (informação verbal).¹

Concomitante a esse momento histórico de lutas emancipatórias observa-se a dificuldade que a população negra tem em manter-se viva (seja no sentido literal ou social do termo). Segundo o Boletim Informativo da Secretaria de Gestão Participativa e Estratégia do Ministério da Saúde (2016), os indicadores de mortalidade de homens e mulheres negras por causas externas vem crescendo. E aqui, incluem-se todas as situações violentas do nosso cotidiano, e que diminuem possibilidades, no caso dos homens negros, de vivenciarem sua infância, juventude, adultez, senioridade, conjugalidade ou paternidade.

Ao longo da história, podemos observar que a noção de família foi marcada por noções de raça, gênero, sexualidade, classe e idade que se assentou no modelo dito tradicional para assegurar, dentre várias questões, a transmissão de um patrimônio. Como apontam Santos e Antunez (2018, p. 226), “o pai possuía poderes ilimitados sobre os outros membros familiares, os quais deveriam se submeter à autoridade soberana do homem que estava assentada na ideologia patriarcal e na transposição das similaridades com o poder monárquico para o ambiente doméstico”. Esse homem se torna, como elucida Roudinesco (2002, p. 16), “um chefe de família responsável pelo gerenciamento da ordem disciplinar, pela moralidade, pela proteção e pelo provimento financeiro familiar”, uma função social que se consolida culturalmente.

Com as mudanças sociais ocorridas na sociedade ocidental, esse modelo familiar tradicional sofreu algumas alterações, ele se tornou a dita família moderna, entendida como receptáculo de uma lógica afetiva, fundada no amor romântico, que sancionava a reciprocidade de sentimentos e dos desejos carnis por intermédio do casamento, valorizava a divisão de trabalho entre os cônjuges, concedendo a educação dos filhos ao Estado, que em seguida, converge-se na família “pós-moderna”, na qual dois sujeitos se unem em busca de relações íntimas ou realização sexual (ROUDINESCO, 2002).

Todavia, como ressaltam Santiago, Barreiro e Oriol Pereira (2018), apesar de presente em todas as sociedades, o modelo familiar

¹ Palestra proferida no 13^o Congresso Mundo de Mulheres & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, Florianópolis, 2017.



que conhecemos hoje é uma criação essencialmente burguesa, que fornece lugares e papéis sociais para o homem-pai como principal figura de autoridade e mantenedor do lar, para a criança a imagem da inocência euro-cristã e os plenos cuidados da mulher-mãe, que por sua vez, está associada à maternidade compulsória.

Porém, as mudanças sociais do século XVIII desestabilizaram tais papéis, com o ingresso feminino no mercado de trabalho, por exemplo; posteriormente, tiveram fundamental participação no quadro o divórcio, as tecnologias contraceptivas e de fecundação, entre outras. As décadas de 60 e 70 questionaram cada figura familiar e passaram a denunciar a família como instituição repressora; tal questionamento partiu de movimentos de contracultura e movimentos sociais, como o próprio LGBT (SANTIAGO; BARREIRO; PEREIRA, 2019, p. 172-173).

Esse quadro histórico acerca dos modelos familiares permeia a construção das funções dos papéis sociais dos sujeitos nos moldes ocidentais e colonialistas, construindo um ajustamento heteronormativo, masculinizante e perverso, carregado de conflitos que fomentam processos discriminatórios para com meninas e meninos, mulheres e homens, pobres, negros, indígenas e LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros), alargando as desigualdades sociais.

Assim, este artigo procura refletir sobre o gerenciamento da vida familiar às quais incluem as funções de zelo e educação das crianças, dos serviços domésticos e do equilíbrio do relacionamento afetivo, com vistas à compreensão de como homens negros lidam com a divisão de responsabilidades, os compromissos da vida familiar e pensam as suas paternidades e masculinidades negras.

Colocando-nos aqui, na reflexão sobre a paternidade e masculinidades negras, atentos às mazelas materiais e simbólicas provocadas pelo colonialismo, racismo, patriarcado e capitalismo, é importante frisar que essas inquietações não justificam o machismo, tampouco disputa a narrativa dos movimentos feministas ou LGBTs. Fazemos este exercício na tentativa de lançar uma crítica às relações de poder e de lutar contra os processos discriminatórios que afetam em maior ou menor grau, a todas/os nós (op. cit. GOMES, 2017).



Os seis participantes desta pesquisa tem idade entre 40 e 70 anos, solteiros e casados, pais de filhas e filhos, cidadãos da região Sudeste e Nordeste do Brasil:²

Tabela 1: Os participantes

| <i>NAASIR</i> (Defensor) | <i>OSEI</i> (Nobre) | <i>ADIGUN</i> (Íntegro) |
|--|--|---|
| Homem negro, casado com uma mulher negra, 57 anos de idade, advogado, com dois filhos. | Homem negro, solteiro, 42 anos, barbeiro, com uma filha. | Homem negro, casado com uma mulher negra, 42 anos, analista de qualidade, com uma filha e um filho. |
| <i>ZAKI</i> (Virtuoso) | <i>BARAKA</i> (Bençãos) | <i>KINDA</i> (Pássaro jovem) |
| Homem negro, solteiro, 69 anos, professor aposentado, com um filho. | Homem negro, casado com uma mulher negra, 43 anos, professor universitário e enfermeiro, com um filho. | Homem negro, 45 anos, casado com uma mulher negra, analista de sistemas, com duas filhas. |

Fonte: Dados coletados pelos pesquisadores (2019).

O termo latino *pater familias*, no seu significado literal “pai de família”, carrega etimologicamente as bases históricas da formação do patriarcado. Na Roma Antiga o termo *pater* designava uma jurisdição governada exclusivamente por homens, que além de serem chefes de família e proprietários de seus descendentes, também eram as únicas pessoas juridicamente plenas na sociedade romana. Já no período helenístico esse termo se referia a um líder da comunidade, com o tempo

² Seguimos o que está previsto na Resolução CNS/MS 466/2012 e suas complementares a respeito da ética em pesquisa com seres humanos e que resguarda os direitos dos participantes. Preservamos os sujeitos e utilizamos nomes fictícios na exposição dos dados. Em homenagem a eles e nossas africanidades usamos nomes advindos de alguns países africanos (Gana, Nigéria, Tanzânia e Quênia). A abordagem da pesquisa é qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. A autorização do uso das informações contidas neste artigo e em qualquer meio de comunicação para fins pedagógicos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico, encontra-se em posse dos autores.



ele se transformou no que concebemos como pátria, que por sua vez está relacionado ao termo país que vem do italiano *paese* e que advém do latim *pagus* que significa aldeia (LONG, 1975). Logo, é possível dizer que o termo pai associa-se historicamente com a ideia de pertencimento e territorialidade estruturados nos princípios de jurisdição, de propriedade e da constituição da família.

Pensando no quanto uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, simplesmente, o poder é dos homens, incide sobre a construção da cultura de gênero e das questões da masculinidade hegemônica, Kinda (2019) destaca que os homens se tornam sujeitos com essas imposições dadas e é necessário um exercício constante de autorreflexão e cuidado: “venho de uma criação machista, que felizmente não me contaminou na vida adulta, procuro me informar dos assuntos, cuidado da minha saúde, coisa que poucos homens fazem” para desarmar-se das tramas da violência praticada contra quem não se enquadra nas expectativas impostas pelo sexismo ou machismo, que denotam mais o nível das atitudes e das relações interindividuais, assim como da dominação masculina ou opressão das mulheres no nível subjacente de um sistema sociopolítico. Cabe destacar na análise dessa masculinidade negra, que Kinda (2019), não está incessantemente buscando um corpo a ser desejado por outras, outros ou para reforçar um estereótipo midiático impulsionado pelo consumo desenfreado do capitalismo. O cuidar-se na perspectiva de bem-estar é um desses novos modos do homem negro que reconstrói práticas e saberes da sociedade, colocando-o como um sujeito que procura usufruir de conhecimentos, acessos e serviços para a sua condição de vida e de saúde.

Nesse contexto, também se é criado o imperativo do sujeito branco cisgênero. Como aponta Saffioti (2015, p. 33), “na ordem patriarcal de gênero, o branco encontra vantagem, [...] o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual”. Esse modelo se assenta em um projeto racial de sociedade, de civilidade e de sexualidade. No contexto brasileiro, esse ideal é marcado pelo colonialismo e delineado no “desejo de nossas elites pela branquitude imaginada não apenas em termos cromáticos, mas, sobretudo, morais e de poder, da capacidade de autocontrole e domínio dos outros [...]” (MISKOLCI, 2012, p. 121). Diante desse projeto racial de sociedade que resulta na marginalização da população negra no interior de uma coletividade, Naasir (2019), aponta que:



Sempre fui muito confiante de meus atos e acreditava que nada poderia impedir minha obsessão em ser bem sucedido, e ocupar um cargo de confiança em uma instituição privada. Descobri que não é bem assim, que dependida dos outros e, há pouco, me dei conta que o preconceito racial causou grande dano na minha ascensão profissional. Mas isso, não foi o suficiente para me manter prostrado. Hoje, sou profissional liberal, busco conquistar meu espaço e sei que a luta ainda tarda por ter um fim, pois ainda necessito em vários momentos de me impor e, em consequência disso, deixo de prestar um serviço para um cliente ou outro em razão da não sujeição.

A população negra é socialmente tida como inferior em meio a este padrão colonialista. Sofre diversas frustrações e mazelas nos níveis econômicos, profissionais, físicos e emocionais, em virtude que a autoridade dada ao homem branco, heterossexual e cisgênero, o coloca institucionalmente acima dos demais sujeitos, em todas as organizações sociais como: consumo, legislação, política, cultura e produção.

Tais condições sustentam e são produtoras do racismo estrutural que, como afirma Werneck (2016), penetra os diversos campos da vida social, organiza a nossa democracia e o caminho de êxito de algumas políticas públicas, criando iniquidades nas mais diversas áreas, como as áreas do trabalho e da escolaridade, que determina oportunidades desiguais e injustas para os homens negros e isso, de certa forma, influencia na paternidade negra que, assim como a mulher negra, também terá uma preocupação não só com a formação de suas filhas e filhos, mas também com as condições sociais para o crescimento e reconhecimento profissional.

Eu me vejo com uma autoestima nas galáxias e não gostaria de nascer diferente do que eu sou, entretanto, o problema é a sociedade que enxerga distorcido (OSEI, 2019). [Sinto-me] privilegiado por estar no “lugar de branco”, e ao mesmo tempo, “constrangido” por ser minoria (BARAKA, 2019). [Me vejo] desacreditado pela sociedade, pois penso sempre que tenho que provar que entendo ou que tenho uma faculdade para obter o resultado, ou a sociedade brasileira por ser negrão forte, acha que é segurança de porta de boate (ADIGUN, 2019).

Ao discutir sobre o imaginário social construído entorno do corpo do homem negro, como sendo superdotado de habilidades corporais diversas como a força física, além de outras atividades típicas, Faustino (2018) pontua que:

Em uma sociedade racista o Homem Negro traz a escravidão impressa em seu corpo e com ela os diversos atributos associados aos Criados



Supermasculinos. O Negro, mesmo que não saibam disto, mesmo que tentem buscar outras significações e corporeidades, é assim que será visto e terá que de uma forma ou de outra dialogar com estas expectativas (FAUSTINO, 2018, p. 79).

Então, como lidar com as paternidades e masculinidades negras, já que elas ainda são articuladas por uma masculinidade hegemônica repleta de estereótipos marcados pelo racismo, machismo e a hiperssexualização do corpo negro?

No contexto contemporâneo, no qual as identidades tornam-se frágeis e múltiplas, o entendimento e a percepção do “ser homem” e “que homem é este” se modificam e isso é um ganho social e cultural. A identidade “masculina” altera-se, principalmente, a partir do surgimento dos movimentos feministas, negros e LBGTs que reposicionaram o papel social de mulheres e homens. Como elucida Hall (2003), na análise da política cultural e o exercício de contrapor a história de nossa própria marginalização:

Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto e agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, a ocupação dos de fora. E também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. Isso vale não somente para a raça, mas também para outras etnicidades marginalizadas, assim como o feminismo e as políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, como resultado de um novo tipo de política cultural (HALL, 2003, p. 338).

Para provocar-nos a pensar nesse espaço produtivo com essa nova política cultural, lançamos mão do filme *Fences*, traduzido em português para *Um Limite Entre Nós*, de 2017, estrelado por Viola Davis e Denzel Washington, que mesmo situado num contexto diferenciado nos possibilita uma interlocução com o cenário social brasileiro. Este filme baseado em uma peça teatral da *Broadway* com o mesmo nome retrata a história de um homem negro ex-jogador de *baseball*, Troy Maxson, gari que trabalha na limpeza urbana para sustentar sua família, um sujeito que sempre sonhou, desde a infância, com o sucesso no esporte.³

³ A peça é uma das mais famosas da Broadway e já foi premiada com os prêmios Tony e Pulitzer.



O contexto do filme se passa em Pittsburgh nos Estados Unidos dos anos 1960, portanto, um espaço social marcado por várias lutas e insurreições pós-coloniais que se davam também em outras partes do mundo. Na peça original o enredo se dá com cenários pouco variados, o filme procura seguir esse mesmo conceito, o que possibilita o movimento de maior foco e atenção para as interações entre atrizes e atores. No caso, Davis e Washington esbanjam talento e mostram como se dava nessa época a relação familiar de boa parte da comunidade negra na região nordeste dos Estados Unidos.

A história é desenvolvida por incríveis diálogos que vão esboçando a relação de Troy com sua esposa Rose, seus filhos Lyons, Cory e Raynell, e também com seu irmão Gabriel. A personagem Troy Maxson é o pai e o centro da trama e dos diálogos de *Fences*. Seu relacionamento com as outras personagens, seus familiares e os seus amigos é marcado por sua frustração no *Baseball* durante a juventude, pelo fato que no seu auge como atleta a *Major League of Baseball* não admitia jogadores negros mesmo sabendo do seu talento e potencial. Essa experiência de não ter conseguido se profissionalizar no *Baseball* faz com que Troy trate sua família com amargura e rancor.⁴

Troy é um chefe de família que passou pelo esporte, pelo crime e pela prisão, é uma personagem que articula o passado triste e decepcionante pelas oportunidades que se fecharam, assim como as que nem sequer existiram em sua vida profissional. Como aponta Adigun (2019), isso é um problema que afligem os homens negros: “minha dificuldade é de crescer no trabalho, mas sendo negro... de dar mais condições para minha família... sempre tem que se provar que entende o que está fazendo”. Com efeito, esses elementos de frustração e decepção marcam a subjetividade dos sujeitos, sobretudo, porque o contexto de segregação racial e a pobreza que o homem negro sofre, dobra o peso das responsabilidades que ele pode assumir como gerenciador da vida familiar.

As possibilidades de escuta e de ajuda de pessoas do mesmo grupo social, ou seja, de outros homens negros com o intuito de acolher,

4 A principal liga de Baseball dos EUA, a *Major League Baseball* (MLB) não admitiu jogadores negros até a data histórica de 15 de abril de 1947, data a qual Jackie Robinson estreou na Liga principal pela equipe dos *Brooklyn Dodgers* como o primeiro afro-americano a ultrapassar a “linha de cor” no Baseball americano. Até então, os afro-americanos disputavam em ligas de menor expressão como a *National Colored Base Ball League* e a *Negro American League*.



compreender e servir de apoio uns aos outros, são incipientes e não ocorrem de forma muito regular. São recentes os relatos de reuniões de homens negros para se discutir tais assuntos. Os homens negros mais velhos não tiveram o acesso a informações sobre masculinidades e paternidades e, para dificultar mais ainda esse exercício sadio existencial, eles por um motivo ou outro timidamente vivenciam esse momento histórico contemporâneo articulado pelas novas políticas de gênero em prol da emancipação e desmonte de padrões patriarcais-heteronormativos.

Um elemento importante para o enredo do filme e nossa análise é a cerca de madeira que dá o nome do título original. O cercado da casa da família Maxson pode ser interpretado como sendo as responsabilidades que Troy se coloca ao ser o encarregado pela sua manutenção. Essa cerca de madeira também pode ser vista como o desejo de Rose, interpretada por Viola Davis, de manter toda família unida e protegida das adversidades e dificuldades da vida, tanto é que a demanda para Troy reforma-la parte de Rose. Ela, a cerca de madeira, também representa a traição conjugal de Troy, digamos que o “pulo da cerca” que concebe uma filha com outra mulher fora do casamento, e logo depois, acaba sendo acolhida por Rose. Vale destacar que essa situação da vida cotidiana expressada no filme mostra a ideia, naturalizada socialmente, de que ao homem-pai é permitido determinados arroubos e comportamentos. Já a mulher-mãe, é dada a imposição de incontáveis responsabilidades no que diz respeito às funções de zelo e educação das crianças.

A baixa oferta de empregos de boa remuneração para mulheres e homens negros, decorrentes de um racismo estrutural que não oferece boa educação, é uma situação que pode afetar uma dinâmica de casal heteronormativo ou não, já que inconscientemente, gera conflitos que se materializam em insultos, afastamentos e, no extremo, em violência física. O fator cultural como agente de conscientização de homens e mulheres pode ser estratégico na redução das condições prejudiciais à população negra.

As provocações realizadas pelos movimentos feministas e que geraram o aumento do diálogo sobre masculinidade e paternidade negra se forem compreendidas de maneira equivocada tensionam as relações entre mulheres e homens, quando esses fazem uma má interpretação dos valores referentes à igualdade entre os gêneros, principalmente nos momentos quando se se coloca em discussão a vida sexual, o afeto, o



respeito, a proteção. Essa tensão também é necessária porque pode propiciar possíveis entendimentos, mudanças comportamentais e transformações para o convívio; isto é, a discussão feminista negra é essencial para transformar o pensamento e a estrutura social, que com sua organização excludente colocou as/os “desviantes” na base da pirâmide social, e que hoje observa, ainda com estranhamento e preconceito, a visibilidade e ascensão desse grupo – entende-se aqui, pessoas que ultrapassam ou transitam as fronteiras de gênero articuladas pela dicotomia, “masculino” e “feminino”.

Sem dúvida, o entendimento das vivências da população negra fornecem aspectos não revelados ainda pela ciência. O conhecimento que se pode ter sobre a paternidades e masculinidades negras é mola propulsora para o questionável, no sentido colocado por intelectuais feministas negras, a exemplo da bell hooks (2004),⁵ que sempre lançou uma análise crítica sobre a representação estereotipada de masculinidades negras como identidades fixas. Como aponta a pesquisadora, a representação da identidade fixa a respeito do homem negro acaba criando o “homem negro paradigmático” com ações e práticas alegóricas que permeiam o anti-intelectualismo e o arquétipo da virilidade e da truculência (bell hooks, 2004).

Essa construção social sob as masculinidades negras cria, “ficções e definições sociais prevalecentes sobre masculinidades negras” (AKWARD, 2001, p. 186), portanto, é necessário indagar criticamente a produção de verdade que circunda a população negra, que historicamente erra e falha em suas representações acerca da complexidade que envolve os sujeitos negros e as famílias negras, dentro de um contexto em que o processo de colonização foi central para a construção das suas subjetividades e da realidade social (DAVIS, 2016).

Connell (1998) nos mostra que os desdobramentos da colonização na construção da masculinidade do colonizado ainda é um campo pouco explorado. Fanon (2008) contribuiu bastante para esse campo de investigação ao analisar os efeitos que a colonização tem na formação subjetiva do homem negro assim como na constituição das sociedades pós-coloniais. Para o pesquisador, o colonialismo tem um “impacto do mundo social sobre a emergência dos sentidos e identidades

5 Pseudônimo grafado em letras minúsculas da escritora norte-americana Gloria Jean Watkins. Ela justifica a assinatura de suas obras como “bell hooks” afirmando que o que é mais importante em seus livros é a substância e não quem o escreve.



humanas”, tanto quanto “as situações individuais que se relacionam com o desenvolvimento e a preservação política e social das instituições” (GORDON, 2015, p. 2). A relação do negro no mundo branco é neurótica e alienante. Essa alienação é expressa no processo de racialização depreciativo, desumanizador e traumatizante à qual os indivíduos são submetidos (FANON, 2008).

É nesse contexto que as paternidades negras são forjadas e construídas, não de modo fixo como já apontaram as intelectuais feministas negras (op. cit. BELL HOOKS, 2004; DAVIS, 2016), mas sempre em uma perspectiva racializada que carrega em si traumas, dificuldades e revoltas que são transmitidas na relação paterna na qual os homens negros estão circunscritos.

Na música brasileira podemos ver algumas representações que retratam o a vida cotidiana dos homens negros, suas paternidades e masculinidades negras, atravessada por diversas questões:

São poucos
Que entram em campo pra vencer
A alma guarda
O que a mente tenta esquecer

Luz, câmera e ação
Gravando a cena vai
Um bastardo
Mais um filho pardo
Sem pai ⁶

No trecho da canção *Negro Drama*, supracitada, do grupo de rap Racionais MC's, é possível verificar a ausência do pai negro que, em muitas famílias, pode ser substituído por outro homem ou, na ausência ou insuficiência, pelas mulheres da casa ou terreno onde casas de parentes são construídas conjuntamente (mãe, tias, primas, avós e vizinhas). Já na canção *Pais e Filhos*, logo abaixo, do cantor Tim Maia, há um dos poucos momentos nos quais o homem negro aparece com sua paternidade acolhedora, ainda que com incertezas:

Só eu sei
Me perdoe quando errei
Sem querer errar
Meu filho a vida é isso ai

6 Trecho da canção *Negro Drama* do grupo de rap brasileiro Racionais MC's, lançada no álbum *Nada como um Dia após o Outro Dia*, 2002.



Se as vezes fico sério
E só pra ver você sorrir
Pra ver você sorrir
E corta o pão que dá pra dois
Pra dez, pra cem, pra mil
Eu corro o mundo atrás de quem
Fizer você chorar, você chorar ⁷

Os processos de violência e de trauma que moldam a existência de alguns sujeitos acabam sendo vistos nas atitudes que alguns pais tomam. A personagem Troy de *Fences* é exemplo na dramaturgia que nos faz indagar sobre a vida real, de tal sorte que a arte imita a vida e vice e versa. O resultado de uma paternidade negra, forjada nesse contexto em que o colonialismo e a escravidão moldam as subjetividades e as instituições sociais, é uma paternidade estruturada pelo machismo, racismo e o sexismo, sem se esquecer dos prejuízos na saúde mental e física que essa estrutura acomete quem vive nesse contexto social e histórico. Cuidados com a saúde mental são propostas presentes na Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (2013) que preconiza o fortalecimento da atenção à saúde mental de homens e mulheres, buscando atenuar as marcas e feridas do racismo e também evitar armadilhas que tem o uso de drogas e álcool como atração.

Posto isto, podemos refletir o quanto a paternidade negra está enviesada pelo poder patriarcal intransigente, brutal, violento e perverso. Em alguns pontos, essa paternidade é fruto de uma educação apreendida e ligada a uma estratégia de sobrevivência, cuidado e zelo com as filhas e os filhos, para que estes tenham alguma qualidade de vida e ascensão social, diante de uma sociedade que severamente pune e mata corpos negros.

Gosto de servir minha família me sinto bem quando posso colaborar de alguma forma em qualquer dificuldade, que por eventualidade estejam passando [...]. Reconheço que sou rigoroso e exigente em alguns aspectos, mas, atribuo isso a educação recebida do meu pai, o cuidado que sempre teve para comigo e meus irmãos e, o meu reconhecimento de que isso me trouxe vivo e me livrou de vários infortúnios até aqui (NAASIR, 2019). Sempre me preocupei com a formação profissional de meu filho, hoje é um arquiteto [...], e sempre que possível vou visitá-lo (ZAKI, 2019).

⁷ Trecho da canção Pais e Filhos do cantor brasileiro Tim Maia, lançada no álbum *Maia Disco Club*, 1978.



Alguns homens negros exercem opressão sobre outros sujeitos sem ter a consciência do quanto “fixar-se” nesse modelo de masculinidade hegemônica patriarcal é algo tóxico. Isso porque, esse modelo é institucionalizado, ele está em todas as áreas da vida social: em casa, no trabalho, nas escolas, nos comércios e nas religiões; mantendo o poder primário das funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. Pais negros, quando presentes, parecem preparar filhas e filhos para um conflito que, durante a trajetória de uma vida, irá ocorrer. Esse forjar “guerreiras” e “guerreiros” é importante na busca de meios e caminhos para aproveitar as poucas oportunidades que surgem ao longo de uma vida, como no campo profissional ou na qualificação educacional. Mas, ainda é um processo doloroso para um pai negro a constatação de que ainda existirão situações injustas para suas filhas e seus filhos que, mesmo preparados, irão sofrer.

Todavia, conforme a perspectiva lacaniana do falo (poder simbólico, não físico) que “demanda uma carga de legitimidade, afirmando o masculino (captador do falo) sob as demais sexualidades (que abrem mão do falo)” (BOTTON, 2007, p. 111), o homem negro mimetiza o falo, uma vez que o processo de racialização articulado pelo princípio da branquitude estruturada pelo colonialismo faz com que o homem negro possua um pênis sem o falo; ou seja, o seu “poder” mantém máscaras que também podem guardar perversas utilidades, desafiando as convenções, embaralham as identidades (inclusive sexuais) e acentuando o que há de fantasmático na vida social.

Homens que têm posturas ditas “femininas”. Homens que não gostam de futebol, que preferem ficar em casa cuidando das filhas e dos filhos ao invés de trabalhar fora de casa. Homens que são vaidosos e cuidam da aparência. Homens que assumem uma relação afetiva não enrijecida pela agressividade e brutalidade, ou com outro homem, acabam sendo ridicularizados e julgados inferiores.

Contrapondo a essas posturas e masculinidades tóxicas,⁸ Kinda (2019) aponta que a experiência criada na paternidade negra e articulada por práticas de compartilhamento, cuidado consigo e com o outro, de afeto e bem-estar, podem ser vivências libertadoras e prazerosas:

⁸ Entendemos por masculinidade tóxica aquela que é concebida por violência, sexo, status e agressão, é o ideal cultural da masculinidade que se refere às características que a sociedade tende a atribuir de maneira estereotipada ao masculino, sendo esta nociva ou restritiva aos próprios homens ou às pessoas que estão ao seu redor.



Ser pai é uma das experiências mais incríveis e de aprendizado constante. Não sei arrumar cabelos das meninas, o resto tiro de letra. Levanto às 4h45, arrumo a lancheira da minha filha, arrumo minhas coisas e saio de casa para ir pegar o fretado às 5h30. Chego às 7hs na Academia, me exercito até às 8hs, tomo café e início meu trabalho. Saindo às 17h ou mais, dependendo do dia, eu e minha esposa nos organizamos e ela leva as meninas na escola e eu as pego. À noite nos dividimos nas tarefas domésticas para que a casa flua da melhor forma possível.

O gerenciamento da vida familiar às quais incluem as funções de zelo e educação das crianças, dos serviços domésticos e do equilíbrio do relacionamento afetivo (op. cit. KINDA, 2019). Caracteriza-se um movimento que vem aparecendo nas creches públicas brasileiras, como destaca Santiago (2019), na sua pesquisa de doutorado intitulada *Eu quero ser o sol! (re)interpretações das intersecções entre as relações raciais e de gênero nas culturas infantis entre as crianças de 0-3 anos em creche*. O pesquisador observou em campo a presença de pais negros com suas famílias na rotina da educação infantil, porém também se deparou com discursos de professoras contrários a essa paisagem local, de “que os pais não estão presentes na creche” (SANTIAGO, 2019, p. 89). Sob esse ponto de vista, podemos pensar a desconstrução dos discursos em consonância com uma nova política gênero e políticas da masculinidade que pode potencializar mudanças em nossa sociedade:

Uma nova política do gênero para os homens significa novos estilos de pensamento, incluindo uma disposição a não ter certezas e uma abertura para novas experiências e novas formas de efetivá-la. No dia em que fotografias com homens empurrando carrinhos de bebê se tornarem comuns, aí saberemos que estamos chegando a algum lugar (CONNELL, 1995, p. 205).

Como as identidades e antagonismos frequentemente se deslocam entre si. Hall (2003) nos alerta sobre teias das masculinidades hegemônicas na produção cultural e na sociedade, visto que

[...] certas formas pelas quais os homens negros continuam a viver suas contra-identidades enquanto masculinidades negras e reapresentam fantasias de masculinidades negras nos teatros da cultura popular são, quando vistas a partir de outros eixos de diferença, as mesmas identidades masculinas que são opressivas para as mulheres e que reivindicam visibilidade para a sua dureza às custas da vulnerabilidade das mulheres negras e da feminização dos homossexuais negros (HALL, 2003, p. 346-347).



Diante disso, como lidar com o estranhamento ao ver um homem negro não desejar ter várias mulheres ou vê-lo abraçando outro homem com afeto, seja esse seu pai, filho ou companheiro? Se ainda ocorre espanto ver sua demonstração de emoções que não a agressividade? Será que o homem negro é constantemente agressivo ou estamos reproduzindo uma construção social ao seu respeito?

Como um objeto simbólico articulador da narrativa, a cerca de madeira do filme *Fences* serve como suporte para que possamos refletir a concepção de afetividade “cercada” pela dinâmica dos relacionamentos. Dialogando sobre as relações entre pais e filhas/os, o filme mostra o conflito relacional entre Troy e seu filho mais novo Cory. Para a personagem Troy, o pai é responsável por apenas tomar conta da família, amar ou não gostar das/os filhas/os, é uma situação que não lhe cabe, como podemos observar no diálogo entre eles:

Gostar de você? Eu saio toda manhã, me mato de trabalhar porque gosto de você? Você é provavelmente o maior tolo que já vi. Um homem deve tomar conta de sua família. Você vive em minha casa, se alimenta com minha comida, deita suas costas na minha cama porque é meu filho. É meu dever cuidar de você, eu devo essa responsabilidade a você, eu não tenho que gostar de você! Agora, eu dei a você tudo que eu tinha a dar! Eu dei sua vida! Eu e sua mãe nos organizamos e gostar de você não foi parte da barganha! Agora, não passe pela vida se preocupando se alguém gosta de você ou não! É melhor você ter certeza que estão sendo corretos com você! Entende o que estou dizendo? (informação transcrita).⁹

No decorrer da narrativa, o filme revela que o movimento por direitos civis está tomando forma e a sociedade americana está avançando (mesmo que lentamente) contra as leis de segregação formal. O filho Cory, que vive a juventude nesse contexto de avanços sociais, tem a oportunidade de se profissionalizar no *Baseball*, ao passo que o pai Troy se torna o primeiro motorista do caminhão de lixo da empresa em que trabalha. Essa comparação acaba ferindo ainda mais o ego de Troy que acaba expulsando o filho de casa após uma discussão com ele.

Cory mostra sua total desaprovação ao pai enquanto modelo de paternidade e masculinidade, desse modo, Cory toma uma postura de combate e enfrentamento frontal com o pai. O conflito entre Troy e Cory é patente durante todo o filme, e esse conflito, nos insinua a considerar

⁹ Trecho da narrativa do filme *Fences*. Direção: Denzel Washington, Produção: Todd Black, Scott Rudin e Denzel Washington, EUA: Paramount Pictures, 2017.



preliminarmente que Cory “se torna homem” quando enfrenta o pai e deixa o lar, saindo dos limites do “cercado”, sendo o responsável direto pela sua sensibilidade e pela própria vida.

Discursos como “homem não chora, ainda mais se negro”, por vezes, alicerça o estereótipo que o choro de um homem é um sinal de fraqueza e, portanto, nunca é de empatia por alguém ou de sofrimento por algo que sente. As principais definições de masculinidade nas culturas ocidentais associa o gênero masculino às ideias de ação, hiperatividade e agressividade.

[...] para a constituição do modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura, atividade não diz respeito apenas à sexualidade; ela é também percebida positivamente como agressividade. Já na constituição da identidade de gênero na infância, observamos como o masculino se constitui pela hiperatividade dos meninos, que se confunde seguidamente com agressividade (GROSSI, 2001, p. 6).

Nesse sentido, o pai e os limites impostos pela paternidade agressiva, se convertem em um embargo que a/o filha/o deve superar para se tornar um sujeito pleno. Tanto Troy quanto Cory não se arrependem ao romperem o laço entre eles, e a ausência, ou ocultamento do arrependimento é central também para compreender como a masculinidade de ambos, pai e filho, é forjada, de modo que para os dois, o arrependimento é um obstáculo para eles manterem a noção de homem que eles enxergam. Tal processo dificulta o exercício da paternidade e os erros e acertos advindos daí. E nesse ponto, as mulheres conseguem dialogar melhor com outras mulheres a respeito do seu papel social, compartilhando frustrações e alegrias e, com isso, construindo uma relação mais maleável e humanizada, no sentido de deixar aflorar bons sentimentos na sua relação com filhas e filhos.

Correlativamente, localizamos um traço do que seja essa construção traumatizante da paternidade negra que se vincula com uma chave patrimonialista e patriarcal, que como é mostrado ao longo do texto, tem suas raízes nas fundações ocidentais da sociedade. O pai que Troy representa, guardada as devidas proporções, é semelhante ao *pater familias* do período greco-romano, a cerca de madeira representa o território, a propriedade privada e a responsabilidade, isso fundante para a consolidação do pai nos moldes do “chefe de família”.

Evidenciar as masculinidades negras enrijecidas sob os pilares hegemônicos da modernidade ocidental e que com o colonialismo se



expande tornando-se um modelo arriscado e traumatizante pela qual os homens negros estão circunscritos é um território carregado de conflitos, mas como um ato de reexistência alguns homens negros estão se reinventando com a conscientização de suas paternidades:

Ser pai é amar, cuidar, preparar o meu filho para a vida, tudo... Gosto de viajar. Tenho dificuldade em administrar bem meu tempo para estar mais com a família. Gostaria de ficar e gastar mais tempo com a família. Acredito que seja importante [pensar a paternidade negra] para trabalhar questões específicas e abrangentes no sentido de formação de pais negros a fim enfrentar o dia a dia do ser negro, ser pai negro, ser filho negro (BARAKA, 2019). Não tem explicação é maravilhoso, ficar com minhas crianças e esposa. Minha dificuldade e de crescer no trabalho (ADIGUN, 2019). Eu descobri um novo sentido em minha vida ao ser pai. Gosto de jogar capoeira. Gosto de ouvir e tocar música. Gosto de esculpir, passear com minha filha e de comer e beber (OSEI, 2019).

Fazendo uma analogia e trazendo a ludicidade e criatividade que a paternidade precisa ter. Observar um pai negro exercer esse papel social sem o peso dos olhares discriminatórios a ele, e ciente e pleno de que pode estar ali como quer e não como querem ou idealizam, é um fenômeno “unicórnio”, um animal raro e especial no universo lúdico das crianças e no interior das culturas infantis. Como destacam Oriel Pereira e Santiago (2018, p. 105), nas culturas infantis as crianças “criam outras lógicas, novos cenários, mudam formas, personagens e enredos, e assim, produzem outros sentidos com a realidade, reinventando os sentidos propostos”. Esse “unicórnio”, quando aparece entre os brinquedos, tiaras, camisetas, livros, desenhos animados, é motivo de contentamento para as crianças. Ousamos dizer que, caso ele também apareça na relação criança-adulto sem as amarras adultocêntricas, esse momento poderá ser de respeito mútuo, afetividade e intenso prazer.¹⁰

As diversas formas de desigualdades prejudicam e limitam o status social da população negra por determinados motivos, além de seus acessos aos direitos básicos, como: acesso à educação e saúde de qualidade, direito à propriedade, direito ao trabalho, direito à moradia, ter boas condições de transporte e locomoção, entre outros. Fatores como a violência doméstica, a falta de emprego, a baixa escolaridade e a

10 O adultocentrismo é um conceito cunhado por Rosemberg (1976), para designar a educação das crianças como forma de colonialismo; isto é, em vista da impossibilidade de adequar a sociedade centrada no adulto à criança, o adulto passa a educá-la, e é na educação que as relações de poder entre adulto e criança são cristalizadas.



mortalidade por causas externas podem ser determinantes sociais que nos ajudam a compreender melhor esse cenário social de baixo exercício da paternidade negra durante as gerações anteriores e na contemporaneidade, pois as condições dadas na sociedade ao pai negro com suas famílias é um campo arenoso, que permanece, ainda que com algumas mudanças sociais, desigual, seja por questões econômicas, de gênero, de raça/cor, de crença religiosa, de círculo ou grupo social.

Infelizmente, muitos homens negros não tiveram uma figura paterna com uma masculinidade não-tóxica, o que possibilitaria uma maior aderência às lutas emancipatórias e a apropriação das pautas ligadas as liberdades individuais e igualdade entre os gêneros. Todavia, nesse exercício da paternidade demonstrada pelos participantes desta pesquisa, e como eles mesmos apontaram, cabem relações afetivas estabelecidas entre criança-criança e adultos-criança, bem como o educar, o cuidar, o brincar, o amar/gostar ainda que sobre os efeitos devastadores dos julgamentos e preconceitos arraigados pelo racismo e o machismo.

Todos esses elementos são potentes para que o pai, parceiro, que cuida e ama as filhas e os filhos e que divide igualmente os cuidados das crianças, sejam retratados homens como sujeitos inspiradores, como pais cuidadores, não-violentos, que dividem os serviços domésticos com as/os companheiras/os. Trazendo olhares para as suas humanidades e capacidades de afeto, que muitas vezes, o racismo e o machismo apagam, reinscrevendo o sentido das paternidades e masculinidades negras na história.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 20.

AWKWARD, Michael. A Black Man's Place in Black Feminist Criticism. In: BYRD, Rudolph; GUY, Sheftall (Orgs.). **Traps: African American Men on Gender and Sexuality**. Beverly: Indiana University Press, 2001. p. 223-235.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política**



para o SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – 2 ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://bvs.ms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_integral_populacao.pdf. Acesso em: 22 jan. 2019.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Articulação Interfederativa. Temático Saúde da População Negra / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Articulação Interfederativa. **Painel de Indicadores do SUS**, v. 7, n. 10. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2016/maio/04/miolo-painel-10-22032016.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2018.

bell hooks. **We real cool: black man and masculinity**. New York: Routledge, 2004.

BOTTON. Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, n. 19 e 20, P. 111-120, 2007.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003, p. 49-58.

CONNELL, Raewyn. Masculinities and Globalization. Men and Masculinities. **SAGE Publications**, v. 1, n. 3, 1998.

_____. Políticas da masculinidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO (NKOSI), Deivison. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para**



enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75-89.

GOMES, Nilma Lino. Apresentação [ago. 2017]. Mesa-redonda: Mulheres negras, resistências e interseccionalidades. **13º Congresso Mundo de Mulheres & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11**, Florianópolis, 2017, 1 arquivo mp3 (21min.). A transcrição na íntegra encontra-se em posse dos pesquisadores.

GORDON, Lewis R. **What Fanon said: A philosophical introduction to his life and thought**. New York: Fordham University Press, 2005, p. 1-5.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades: uma revisão teórica**. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, 2004, p. 4-37.

HALL, Stuart. Que “negro” é este na cultura? In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende, et. all. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 233-348.

LAPLANCHE, Jean. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Trad. Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LONG, George. Patria Potestas. In: SMITH, William Smith. **A Dictionary of Greek and Roman Antiquities**. London: John Murray, 1875, p. 873-875.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume, 2012, p. 120-121.

ORIEL PEREIRA, Artur; SANTIAGO, Flávio. Matizes e nuances que desenham o mundo: culturas infantis e as marcas das relações de gênero, raça e classe social. In: 56.º Congresso de Americanistas, 2018, Salamanca. **Estudios sociales: 56.º Congreso Internacional de Americanistas / Manuel Alcántara, Mercedes García Montero y Francisco Sánchez López (Coord.)**. Salamanca: Ediciones Universidad d Salamanca, 2018. v. 12. p. 99-107.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação: para quem? **Ciência e Cultura**, Campinas, n 28, v 12, dez., p. 1466-71, 1976.



ROUDINESCO, Elisabeth. Deus Pai. In: _____. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 10-19.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abreu, Expressão Popular, 2015, p. 30-33.

SANTIAGO, Flávio. **Eu quero ser o sol!** (re)interpretações das intersecções entre as relações raciais e de gênero nas culturas infantis entre as crianças de 0-3 anos em creche. 2019. 115f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2019.

_____; BARREIRO, Alex; PEREIRA, Artur Oriel. Famílias tentaculares: omissão e invisibilidade das diferenças entre os arranjos familiares nos espaços de educação básica da infância brasileira. In: DORNELLES, Leni Vieira; LIMA, Patrícia de Moraes (Orgs.). **Por uma luta em defesa dos direitos das crianças: corpo e cultura**. Goiânia: Editora Vieira, 2019, p. 167-178.

SANTOS, Carine Valéria Mendes; ANTUNEZ, Andrés Eduardo Aguirre. Paternidade afetivamente inscrita: modalidades de interação na relação pai-bebê. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 1, p. 224-238, 2018.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016.

Outros documentos

FENCES. **Um Limite Entre Nós**. Direção: Denzel Washington. Produção: Todd Black, Scott Rudin e Denzel Washington. EUA: Paramount Pictures, 2017, DVD, (219 min), NTSC, color.

RACIONAIS MC'S. **Negro Drama**. São Paulo: Nada como um Dia após o Outro Dia, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63398/>. Acesso em: 22 jan. 2019.

TIM MAIA. **Pais e Filhos**. Rio de Janeiro: Maia Disco Club, 1978. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tim-maia/1185439/>. Acesso em: 22 jan. 2019.



Fatherhood and Black Male Circumscripts: exercises of emancipatory self-reflexion

ABSTRACT: This article presents thoughts about the familiar life's management which include children's caring and educational functions, domestic services and the balance of the love relationship, we look upon how black men what they think about their paternities and black masculinities, we also notice how this emerges at the contemporary scene as present realities in different social spaces. As we use qualitative approach, our research method is based on interviews we did with some black fathers and also in an exam of a contemporary cinematography narrative – *Fences* (2017) – taking in Pittsburgh in the 1960's United States of America. For this purpose, we alternate the interlocutions of the participants, analysis and discussions with the apparent senses of the movie. We use as theoretical reference the studies developed by Connell (1995; 1998), Awkward (2001), Hall (2003), bell hooks (2004), Grossi (2004), Botton (2007), Fanon (2008), Miskolci (2012), Faustino (2014), Davis (2016) and Santos; Antunez (2018). The black masculinity structured under the pillars of western modernity, in which with the colonialism expand yourself, becoming a risky and traumatizing model that black men are circumscribed is a full-conflict territory, but as an act of resistance and re-existence some black men are reinventing themselves with consciousness of their fatherhood.

KEYWORDS: Paternity. Black Masculinities. Racism. Discrimination.

Artur Oriel PEREIRA

Mestrando em Educação na Linha Educação e Ciências Sociais, pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Especialista em Sociopsicologia, pela Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Letrólogo. Pedagogo. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC) - Culturas Infantis. Professor da Secretaria de Educação, Prefeitura de São Paulo, Brasil.

Hasani Elioterio dos SANTOS

Mestrando em Sociologia, pela Universidade Federal de São Carlos. Graduado em Ciências Sociais pela mesma instituição, com ênfase em Sociologia e Antropologia. Pesquisador atuante do NEAB/UFSCar, com experiência na área de Sociologia das Relações Raciais no Brasil contemporâneo e Estudos da Diáspora Africana.

**Alexandre da SILVA**

Doutor em Saúde Pública, pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Mestre em Reabilitação, pela Universidade Federal de São Paulo e Especialista em Gerontologia pela mesma instituição. Professor Adjunto da Faculdade de Medicina de Jundiaí; onde atua como preceptor do internato na Atenção Básica com ênfase na Saúde do Idoso e docente da disciplina de Medicina da Família e da Comunidade.